

Análise do Altar de Iulia Victorina e seus Elementos Apotropaicos

Jaqueline Souza Veloso
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O túmulo de Iulia Victorina pertence a uma menina falecida com dez anos e cinco meses, filha de Gaius Iulius Saturninus e Lucilla Procula. Ele possui duas faces opostas nas quais um rosto feminino é representado. Essas duas faces além de suscitar uma memória da menina ao lado dos atributos da deusa sugerem um tipo de apoteose astral. Essa pode ter sido a escolha da família uma vez que a morte prematura era como um tipo de maldição e precisava ser aplacada. Nesse último caso, a imagem tem a função de suscitar um além-túmulo bem aventurado mediante a um tipo de intercessão com os deuses. Essa comunicação pretende por meio da análise desse sepulcro identificar os elementos religiosos que em associação com a sua imagem desempenham a função de reestabelecer o equilíbrio social graças a seus atributos apotropaicos.

Palavras chave: Túmulo; Morte; Apotropaico; Roma.

The Iulia's Victorina tombstone belongs to a girl who died ten years and five months, daughter of Gaius Iulius Saturninus and Lucilla Procula. It has two opposite faces in which a woman's face is represented. These two sides in addition to raising a girl's memory alongside the goddess attributes suggest a kind of astral apotheosis. This may have been the family's choice since the premature death was like a kind of curse and had to be appeased. In the latter case, the image has the function of raising a blessed afterlife by a type of intercession with the gods. This Communication aims through analysis of this tomb identify the religious elements in association with its image perform the function of restore social balance thanks to its apotropaic attributes.

Keywords: Tombstone; Death; Apotropaic; Rome

O objeto analisado é o altar sepulcral de Iulia Victorina, falecida com dez anos e cinco meses, filha de Gaius Iulius Saturninus e Lucilla Procula. O monumento em sua homenagem mede 1,15 m x 0,7 m x 0,66 m foi realizado em mármore, adquirido em 1861 da coleção de Campana e atualmente encontra-se no museu do Louvre.



Fig. 1 | Altar funerário de Iulia Victorina. Século I d.C. Localizado no museu do Louvre. ¹

O objetivo desse estudo é pontuar os elementos no túmulo de Iulia que foram possivelmente colocados com o intuito de afastar os males que a morte de uma criança

¹ Retirado com permissões de <http://www2.cnr.edu/home/sas/araia/juliavictorina.html>. Dimensões: 1.15 m x 0.7 m x 0.66 m

poderia suscitar no mundo físico além de criar uma imagem positiva de Iulia abrandando o temor que as pessoas pudessem ter de pragas ou maldições relacionadas a sua morte.

O altar de Iulia configura-se como uma tentativa de mudar fisicamente a ordem do mundo: afastando revezes e contribuindo para manter o status da família, que por meio dele, advogava um porvir benéfico para a filha.

Monumentos funerários dedicados a crianças popularizaram-se em Roma a partir do século I, possivelmente em resposta a algumas leis como a *lex Iulia de maritandis ordinibus* (18 A.C.) e a *lex Papia Poppaea* (9 D.C.).² Ainda no mesmo século, só que algumas décadas mais tarde, é que crianças começaram a aparecer em maior quantidade na arte funerária de maneira individual.

O sarcófago de Iulia parece se encaixar nesse momento. Ela nitidamente ocupa um lugar individual no sarcófago e a representação de seu rosto, com suas feições de forma realista atestam esse fato. Além disso, em ambas as faces do sarcófago seu rosto é dotado de expressão e isso marca ainda mais a percepção que sua família teve dela como indivíduo.

Túmulos de crianças representavam algum tipo de interrupção no possível progresso da família, mas ao mesmo tempo alardeavam a existência dela e suas esperanças. Visualmente, seus túmulos recebiam um tratamento artístico similar ao dos adultos e coerente com aspirações a uma vida adulta de sucesso. Virtualmente essa pode se configurar numa tentativa de obter esse lugar social de destaque que jamais poderia ser obtido.

A sepultura de Iulia Victorina tem o formato de um altar, um formato que era inovador na época, ainda pouco utilizado e que até o 3 século d.C foi se popularizando.³ Túmulos em formato de altar possuíam um local de fácil visualização para imagem e inscrição e retratavam um casal ou, como no caso de Iulia, um indivíduo ao invés de um grupo. Crianças comemoradas em altares costumavam ser bebês de até dois anos.

A morte de crianças, principalmente as mais jovens não era vista como um bom presságio pela sociedade romana e os sepulcros em forma de altar podem ser

² Tanto a *Lex Iulia de Maritandis Ordinibus* e a *Lex Papia Poppaea* recompensavam o matrimônio e a geração de filhos e penalizavam quem assim não os tivesse. Elas afetavam o processo de recebimento de heranças, tornando difícil para celibatários ou casais sem filhos recebe-las além de acelerar a magistratura e dar prioridade de escolha no governo de províncias a homens casados e com filhos. Além disso, permitia a mulheres que tivessem ao menos três filhos e fossem nascidas livres viver sem supervisão financeira e para aquelas que fossem ex escravas, se tivessem quatro filhos.

Thomas Widemann sugeriu a Berly Rawson que o aumento da frequência de imagens de criança a partir do período imperial pode ser relacionado com as requisições a leis que favoreciam quem tivesse filhos, ainda que eles estivessem mortos. (RAWSON, B. *Children and Childhood in Roman Italy*. Estados Unidos da América: Oxford University Press, 2009, p.7)

³ RAWSON, B. *Children and Childhood in Roman Italy*. Estados Unidos da América: Oxford University Press, 2009, p.48.

entendidos como uma tentativa de aplacar os males decorrentes da desordem subsequente ao falecimento.

O altar aqui analisado refere-se a uma criança mais velha, de 10 anos. A abundância de elementos religiosos torna compreensível a escolha do formato do túmulo. O caso de Iulia reflete um gosto comum que era o de associar crianças a figuras mitológicas. Além disso, a escolha pode referir-se a uma maneira de não apenas demonstrar, mas de exercitar a devoção aos deuses por parte da família de Iulia. Essas escolhas refletem, muito mais que o desejo de Iulia, os gostos de sua família. A identidade da criança, nos túmulos, era modelada pela família.

O monumento possui duas faces opostas nas quais um rosto feminino é representado. Em uma delas está em alto relevo a fisionomia de uma criança que aparenta a idade de falecimento de Iulia. Ela está rodeada por flores e traz consigo cabelos curtos num estilo masculino, brincos, e o epitáfio tumular abaixo de si. Ela está coroada por uma lua crescente acima da cabeça que é um símbolo de vida eterna associado a um povir com os astros além de fazer menção a deusa Diana.



Fig. 2 | Diana. Mármore, século II d.C. Inv. No. 1841⁴

⁴ Localizando em : Roma, Museus Vaticanos, Museu de Chiaramonti. Retirado com permissões de: http://www.vroma.org/images/raia_images/diana_huntress.jpg

Era comum a representação que associasse, nas sepulturas, as crianças a figuras mitológicas.⁵ Diana era uma escolha apropriada para meninas porque era uma deusa virgem que representava os interesses das mulheres.



Fig. 3 | Museu Capitolino. Detalhe de estátua de Diana. Inv. Scu 61. Século I. D.C.

Na face oposta do altar, também circundada por relevos botânicos, há uma imagem de uma mulher mais velha (Fig. 4) que veste uma estola feminina e os mesmos brincos da imagem mais jovem, mas com um cabelo diferente e uma coroa de raios que também faz menção a uma apoteose celeste e conseqüentemente, a imortalidade.

Enquanto Tonybee acredita tratar-se de uma parente, ou talvez a mãe da menina⁶, Rawson aponta para as similaridades fisionômicas que a jovem mulher partilha com a menina. Como uma jovem matrona, como seus pais provavelmente haviam desejado vê-la. Dessa maneira, a memória de Iulia não é voltada apenas para crenças religiosas, mas aponta para uma tentativa de fundamentar um lugar social de destaque que ela teria conseguido se não fosse suspensa pela morte.

⁵ "Sometimes children were associated with mythological or divine figures. Diana, as the virgin goddess who represented women's interests, was an appropriate choice for girls." *Ibidem*, Rawson, B, p. 48.

⁶ *Ibidem*, Rawson, B, p. 360 e TOYNBEE, J.M.C. Death and burial in the Roman world. Estados Unidos da América: John Hopkins University Press, 1971, p. 266.



Fig. 4 | Outra face do altar funerário de Iulia Victorina. Século I d.C. Localizado no museu do Louvre.

Além de suscitar uma memória da filha ao lado dos atributos da deusa, a imagem sugere um tipo de apoteose astral. A outra imagem, da mulher mais velha com uma coroa de raios sobre a cabeça também corrobora para essa visão de um povir com os astros. Elas poderiam representar, talvez, as duas fases de passagem da menina morta para uma vida eterna entre os astros: seu início subindo à lua e depois ascendendo ao sol.

Essa pode ter sido a escolha da família por dois motivos: porque de fato acreditavam que o povir constituía-se como uma vivência entre os astros e que a morte na infância não trazia nenhuma condenação ou o oposto, que a morte prematura era como um tipo de maldição e precisava ser aplacada. Nesse último caso, a imagem tem a função de suscitar um além-túmulo bem aventurado não pela memória, mas por um tipo de intermediação com os deuses. De qualquer maneira, essa imagem religiosa servia potencialmente para acalmar os ânimos das pessoas que acreditando e vendo uma divinização da menina poderiam esquecer os infortúnios que a sua morte prematura traria.

Após a morte algumas almas eram mantidas no Styx e não podiam atravessá-lo, elas eram obrigadas a permanecer na terra. Mortos que não tinham enterros religiosos deveriam permanecer ao lado de seus corpos por cem anos, o período que dura uma vida humana comum e só depois seriam admitidos num lugar de purgação onde permaneceriam por muito tempo.⁷

Da mesma forma aqueles que morreram jovens ou aqueles cujos dias foram cortados abruptamente não poderiam entrar no purgatório antes do término de suas vidas. Especialmente as almas dos criminosos eram condenadas a vagar sem descanso pelos ares. Esses espíritos maus eram os que retornavam como fantasmas para perturbar os vivos. Eles também eram evocados para revelar o futuro em oráculos⁸.

Havia certo receio sobre o desaparecimento da alma das crianças depois da morte e em seus monumentos funerários há diversos que anunciam uma sorte má no porvir. No epitáfio do menino L. Paquedius L. f. Ser. Ampliatius, de 8 anos, lê-se nas últimas linhas: *'infelix iaceo nunc cinis et lacrimae'* ('Infelizmente, eu jazo aqui como cinzas e lágrimas') (CIL 6. 23818). Um epitáfio de um menino de 5 anos também representa um sentimento similar, o de Petronius Antigones, onde sua morada eterna é identificada como a esfera do Tártaro (*'taetra Tartei sidera'*), onde ele deveria abandonar toda esperança.⁹

A morte prematura de uma criança era vista como uma interrupção da vida fora do comum; ela quebrava a ordem natural da vida e por causa disso podia acarretar num pós-morte terrível a elas. Virgílio em *Geórgicas*¹⁰ diz que nas trevas do submundo estão, presos no Styx, "meninos e garotas não casadas". Na *Eneida*, crianças "arrancadas do peito, no limiar da vida e roubadas da doçura da vida, levadas num dia negro e afogadas na amargura da morte" seriam parte dos espíritos infelizes do submundo, que estariam distantes dos campos abençoados do Elísio.¹¹

Há uma longa tradição de associação da alma com o éter e as estrelas¹². Na arte funerária essas representações não eram comuns na Roma itálica, sendo mais frequentes na África romana e na Gália. Entretanto esse simbolismo aplicado a túmulos de crianças não era desconhecido em Roma. No século I d.C, Domiciano (Fig. 5) representou seu filho morto em moedas como uma criança chegando ao céu e sete estrelas sobre ele.

⁷ CUMONT, F. *After Life in Roman Paganism*. Estados Unidos da América: Kissinger Publishing, p25-26.

⁸ *Ibidem*, p. 26.

⁹ *Ibidem*, Rawson, B, p. 357.

¹⁰ *Geórgicas* 4. 476-7.

¹¹ *Eneida* 6. 427-9.

¹² RAWSON, B. *Children and Childhood in Roman Italy*. Estados Unidos da América: Oxford University Press, 2009.p 360 e PRIEUR, J. *La mort dans l'antiquité romaine*. França: Ouest France, 1986, p 7.



Fig. 5 | Moeda de Ouro: 7,74 gramas. Inventário: R.10760. Data: 82-83 d.C. Museu Britânico.

Os monumentos funerários do período imperial possuem vários traços dessas crenças. A lua crescente aparece com frequência neles, ¹³ tanto sozinha quanto com outros símbolos.

Segundo Franz Cumont no Império Romano houve a crença de que o sol era o deus dos mortos. A ideia de uma ascensão astral representada pela coroa formada pelos raios solares, no monumento de Iulia torna-se compreensível, portanto. Um altar funerário em Roma tem as inscrições características, "*Sol me rapuit*", "O sol me elevou".¹⁴ (CIL, 29954).

Depois da tomada de Taranto pelos Romanos em 271 a. C. a influência do neopitagorismo se estendeu por Roma e a doutrina de uma existência da alma após a morte passou a ser discutida.¹⁵ Quando Cipião em sonho se juntou a seus parentes que estavam bem aventurados na Via Láctea, o que ele ouve de seu pai é (Cícero, VI, 15): "os homens receberam uma alma feita da substância destas luminas eternas que vocês chamam de constelações e estrelas. Um exemplo dessa crença é esse epitáfio:

"Mas o meu espírito divino não irá para as profundezas, sob as sombras; ele é destinado aos céus. Os céus e as estrelas tem me capturado. A terra contem meu corpo, minha pedra e o nome de um fantasma"¹⁶.

Jean Prieur em *La mort dans l'antiquité romaine* cita uma doutrina de um além túmulo celeste no qual o céu é formado por sete esferas planetárias. A alma provém do além dessas esferas e quando a pessoa morre, tem de atravessá-las novamente. As almas

¹³ CUMONT, F. *After Life in Roman Paganism*. Estados Unidos da América: Kissinger Publishing, p. 23

¹⁴ CUMONT, F. *After Life in Roman Paganism*. Estados Unidos da América: Kissinger Publishing, p. 99

¹⁵ *Ibidem*, Rawson, B, 361p. CIL 6. 12087.

¹⁶ Cícero. O sonho de Cipião. São Paulo: Editora Escala, 2006, p. 109

segundo o grau de importância social e pureza chegam ao topo enquanto as demais ficam num piso inferior.

Essa parece ser a crença de Cícero que diz em o sonho de Cipião:

“Acima da Lua tudo é eterno. A Terra, localizada na região central do mundo, é nossa esfera. Ela é imóvel, mais baixa e recebe o peso de todos os astros que gravitam a seu redor. (...) As almas daqueles que se entregam aos prazeres do corpo, como escravos dos mesmos, obedientes que foram aos seus apetites viciosos, violaram as leis humanas e divinas. Quando deixarem o corpo irão girar em torno do globo terrestre. Só retornarão para este lugar após muitos séculos de rotação”.

É inegável, a importância individual da imagem de Iulia no túmulo. A precisão anatômica do retrato alude à possibilidade de uma imortalidade terrena que nesse altar, não substitui a imortalidade celeste. Segundo Cumont ¹⁷na arte funerária romana às vezes se combinam elementos da vida terrena com os de uma vida no além.

Referências Bibliográficas

- BIRK, Stine. *Depicting the Dead*. Dinamarca: Aarhus University Press, 2013.
- CARROLL, M. *Spirits of the Dead*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- CÍCERO. *De Oratore*. Londres: Harvard University Press, 1942.
- CÍCERO. *O sonho de Cipião*. São Paulo: Editora Escala, 2006.
- CUMONT, F. *After Life in Roman Paganism*. Estados Unidos da América: Kissinger Publishing
- HOPE, Valerie M. *Roman Death*. Inglaterra: Continuum, 2009.
- PRIEUR, J. *La mort dans l'antiquité romaine*. França: Ouest France, 1986.
- RAWSON, B. *Children and Childhood in Roman Italy*. Estados Unidos da América: Oxford University Press, 2009.
- TOYNBEE, J.M.C. *Death and Burial in the Roman World*. London: Thames and Hudson, 1996.
- VIRGÍLIO. *Eclogues, Georgics, Aeneid*. Loeb Classical Library Volumes 63 & 64. Cambridge: Harvard University Press. 1916.

¹⁷ CUMONT, F. *After Life in Roman Paganism*. Estados Unidos da América: Kissinger Publishing, p. 126.